



**SOLLEMNITAS NATIVITATIS
DOMINI NOSTRI JESU CHRISTI
2011**

Litteræ Ministri Generalis Ordinis Fratrum Minorum

DESPE A VESTE DA TUA TRISTEZA!

Queridos irmãos: é Natal, a festa do *Deus-conosco*, do Emanuel. É Natal, a festa do Verbo feito carne; do Filho que, sem deixar de sê-lo, se faz nosso irmão (cf. *2Cel* 198). É Natal, anúncio de paz: “Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que Ele ama!” (*Lc* 2, 14) Cristo “é nossa paz” (*Ef* 2, 14). É Natal, boa notícia para toda a humanidade: o impassível se sente arrastado por uma imensa paixão de amor. Sim, o Natal nos revela o caráter passional da encarnação: revela a paixão de Deus pela pessoa humana. Natal é o início das bodas entre Deus e a humanidade, o início de um amor que será mais forte que a morte (cf. *Ct* 8, 6). E se é certo que “há mais alegria em dar que em receber” (*At* 20, 35), então Natal não é só festa da alegria do homem e da mulher porque se sentem amados, mas também a festa da alegria de Deus porque ama. Natal é o nascimento de Deus na terra, e o nascimento do homem nos céus.

“Eis que vos anuncio uma grande alegria” (Lc 2, 10)

No Natal tudo convida à alegria. E o motivo desta alegria é simples e, ao mesmo tempo, humanamente *incrível*, somente compreensível a partir da fé: Deus nos visitou, a carne de Deus se fez solidária com a nossa fragilidade. Finalmente o ser humano é abraçado por quem o ama. Porém, isto se realiza de um modo totalmente novo e inesperado. Se os ídolos se caracterizam por sua “grandeza enorme”, por seu “esplendor extraordinário” e seu “aspecto terrível” (cf. *Dn* 2, 31), se em outros tempos Deus se revelou como um Deus grandioso, tremendo, poderoso e glorioso, um Deus que infunde medo (cf. *Gn* 3, 10), agora, ao cumprir-se a plenitude dos tempos (cf. *Gl* 4, 4), Deus manifesta sua grandeza na pequenez de um recém-nascido. Seu esplendor fascinante está em um menino envolto em panos e seu aspecto tremendo num menino tiritando de frio num estábulo (cf. *Lc* 1, 12). O Altíssimo e Onipotente Senhor, precisamente porque é grande, é também aquele de quem não se pode pensar nada menor que Ele (cf. *Lc* 9, 48). O Deus que se revela no Natal, de fato, é um Deus pequeno, impotente, necessitado do homem; um Deus frágil e indefeso, que se confia aos cuidados humanos (cf. *Lc* 2, 7). E, precisamente por isso, se expõe à rejeição (cf. *Jo* 1, 11). É a vulnerabilidade do amor, que não pode não respeitar a liberdade da criatura humana. Porém a todos os que o acolhem em sua pobreza, humildade e humilhação, a todos os que o acolhem em sua vulnerabilidade, lhes dá “o poder de se tornarem filhos de Deus” (*Jo* 1, 12).

O Natal é sempre a festa dos pobres e simples, pois Deus “ama falar com os simples” (*Pr* 3, 23). Maria foi a primeira convidada a se alegrar (*Lc* 1, 28), e seu *Magnificat* é o hino de exultação de todos os humildes (cf. *Lc* 1, 46ss). Os pastores são os primeiros a receber a boa notícia do nascimento do Salvador (cf. *Lc* 2, 10), e a responder com a louvação (cf. *Lc* 2, 20). João salta de gozo quando ainda estava no seio de sua mãe (cf. *Lc* 1, 44). Quando Jesus inicia o seu ministério, o Precursor “se enche de alegria pela voz do Esposo” (*Jo* 3, 29). Por sua vez, Francisco, o *Poverello*, já no fim de seus dias, meio cego e em meio às maiores privações, pôde cantar o *Cântico das Criaturas*. Considerando a humildade da encarnação e contemplando o mistério do Natal, ele deixa derreter seu coração em inefável gozo (cf. *1Cel* 84).

É a alegria do Natal comunicada aos pobres, aos simples, aos puros de coração, como Maria, os pastores, João, Francisco. Deus não se revela aos sábios e prudentes (cf. *Lc* 10, 21). Estes não se alegram nem sequer pelo que Deus faz neles. Apropriam-se do dom recebido. Deus escolhe o que o mundo despreza (cf. *1Cor* 1, 28). Os pobres e simples se alegram porque se descobrem cheios de Deus. É que cada um o acolhe na medida em que o engrandece e é capaz de exaltá-lo na medida em que dá lugar à sua grandeza, abaixando-se. O Natal não só nos mostra o caminho que Deus percorreu para encontrar-se com a pessoa humana, mas também o caminho que o homem deve percorrer para acolher a Deus: Ele, sendo rico, se fez pobre por amor para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. *2Cor* 8, 9). Ele, “o grande Pastor das ovelhas” (*Hb* 13, 20), se manifesta aos últimos, como aos pastores; aos humildes, como a Maria; aos pequenos, como a Francisco; a quantos se retiram para deixá-lo crescer, como a João. A grandeza do amor de Deus se revela no fazer-se pequeno. Do mesmo modo, a grandeza do homem e da mulher se mostra em deixar espaço Àquele por cujo nascimento uma legião do exército celestial louva a Deus dizendo: “Glória a Deus no céu e paz na terra aos homens de boa vontade” (*Lc* 2, 14).

“Alegrai-vos sempre no Senhor” (Fl 4,4)

Alegremo-nos, irmãos, porque chegou o momento prometido. Alegremo-nos! Façamos festa! Participemos da alegria de Deus! (cf. *Sf* 3, 14-17). Sim, há motivos de sobra para alegrar-nos. Os que não sabem ler os sinais dos tempos com os olhos de Deus, vendo as dificuldades pelas quais está atravessando a Igreja,

pensemos, entre outras coisas, nos últimos escândalos; vendo as dificuldades pelas quais passa a nossa Ordem e toda a vida consagrada, pensemos na escassez de vocações; e vendo as dificuldades pelas quais atravessa a sociedade, pensemos não só na crise econômica que afeta a tantos, particularmente os mais pobres, mas também a profunda crise cultural que estamos vivendo, pensam nas muitas razões que causam preocupações e se deixam arrastar pela tristeza, induzindo outros ao desânimo. Para muitos deles, Deus lhes parece abstrato e inclusive inútil. A muitos outros, sem que o confessem abertamente, lhes pesa o silêncio de Deus. São muitos os que, diante da dura realidade que descrevemos, estão vivendo a mesma experiência dos discípulos de Emaús antes do seu encontro com o Ressuscitado e que se reflete naquela expressão “*nós esperávamos ...*” (Lc 24, 21). Para quem, ao contrário, sabe ler tudo a partir de Deus, sem fechar os olhos diante de todas estas realidades assinaladas, descobre suficientes motivos para continuar alegre. Estes assumem a realidade não como uma derrota, mas como um desafio, uma oportunidade e um kairós. Isto porque sabem que o Senhor veio para permanecer conosco, pois “armou sua tenda entre nós” (Jo 1, 14). Ele veio para caminhar ao nosso lado todos os dias, até o fim dos tempos (cf. Mt 28, 21). Já não poderão chamar-nos de abandonados, nem dizer que nossa terra está devastada (cf. Is 62, 4). Fomos visitados por Aquele que esperávamos: O Salvador, o Messias, o Senhor (cf. Lc 2, 11)

Se a fonte da alegria está na posse de um bem conhecido e amado, no encontro e na comunhão com os outros, com maior razão, enquanto pessoas de fé e como Irmãos Menores, estamos chamados a experimentar especial alegria ao entrar em comunhão profunda com Deus, confessando-o como o bem supremo (cf. LD, 3), mesmo que estejamos passando por situação de *inverno* e de *noite obscura*.

“...para que a vossa alegria seja plena” (Jo 15, 11)

Para estes tempos *delicados e duros* é que mais se faz necessário o testemunho da alegria. Nós que seguimos “mais de perto” a Cristo estamos chamados a participar da alegria do próprio Jesus: “Disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena” (Jo 15, 11). A alegria plena não é uma possibilidade, menos ainda uma utopia. Para nós pessoas de fé é uma responsabilidade. Se a alegria “está determinada pela descoberta do sentir-se satisfeitos” (H. G. Gadamer); se a alegria é a experiência de plenitude, então quem provou o amor de Deus e o ama com coração acolhedor e agradecido, não pode deixar de provar esta alegria que ninguém poderá arrebatar: nem as tribulações de todo o tipo, nem as situações de

grande sofrimento e contradição (cf. 2Cor 7, 4; Cl 1, 24). E mais, descobrirá a necessidade de testemunhar esta alegria, que inunda seu coração, junto aos que estão passando pelas mesmas situações. E sua vida será um hino: *a canção da alegria* que afunda suas raízes na certeza de caminhar de mãos dadas com o *Deus-conosco*. E seu canto ajudará para que a vida dos demais seja uma vida aberta à esperança. Para todos nós que cremos em Cristo, o Natal é convite insistente para sermos testemunhas da alegria num mundo triste, apesar de tantas distrações ou, justamente por causa delas, somos afastados da verdadeira razão para estarmos alegres: Cristo Jesus.

Queridos irmãos, sendo a alegria uma responsabilidade para nós, enquanto cristãos e por acréscimo enquanto filhos de Francisco, não podemos privar o mundo do testemunho desta alegria, *indizível e gloriosa* (cf. IPd 1, 8-9), que nasce da fé em Cristo e que consiste numa vida escondida em Deus.

Alguns poderiam perguntar-se: como, quando e onde testemunhar esta alegria? Para responder a estas perguntas penso sobretudo no dever de mostrar a alegria da nossa vocação. Esta nasceu sem que nós a tenhamos provocado. Em certo sentido podemos dizer que tropeçamos nele e a fomos descobrindo na medida em que lhe permitimos entrar em nosso coração, através da escuta da Palavra e da participação nos sacramentos, e na medida em que acolhemos as mediações que o próprio Senhor colocou em nosso caminho para discernir o seu projeto sobre nós. Pouco a pouco, quase sem dar-nos conta, foi nascendo uma forte paixão por Cristo que nos levou a segui-lo, assumindo o Evangelho como *regra e vida*, e abraçando a mesma vida de Jesus: obediente, sem nada de próprio, e em castidade (cf. RB 1,2). Ao mesmo tempo nasceu a paixão pelos outros, particularmente pelos últimos, e a paixão pela Igreja, pois descobrimos que não se pode seguir Jesus, virando as costas para o rosto de Cristo pobre e crucificado, e não podemos amar a Cristo à margem da Igreja. E nos entregamos de todo o coração para partilhar o dom do Evangelho com os outros porque nos sentimos habitados por ele. Como no caso da samaritana, a sede saciada se converteu em anúncio e missão (cf. Jo 4, 1ss).

São numerosos os irmãos que, depois de muitos anos e no meio de todo o tipo de provas, seguem testemunhando a alegria da sua vocação. Penso nos irmãos que vivem com alegria o *sem nada de próprio* e, por isso, são verdadeiramente livres de todo o afã pelo poder e pela posse. São tão pobres que só tem a Deus e isto lhes basta, pois o descobriram como riqueza até a saciedade (LD 4). São tão pobres que sentem a alegria da liberdade evangélica. Penso nos irmãos que, vivendo na *lógica do dom*, e superando todo e qualquer tipo de

barreira cultural, religiosa, geográfica, se entregam incondicionalmente a levar a boa notícia do Evangelho a todos, *aos de perto e aos de longe*. Penso naqueles que são provados pela enfermidade, ou naqueles, como Paulo, sentem a dor de um *espinho cravado em sua carne* (cf. 2Cor 12, 7), e, no entanto, seguem espalhando sorrisos e semeando a alegria ao seu redor, porque se sentem amados pelo Deus do amor (cf. LD 4). Penso naqueles, sabedores de que trazem sua vocação em vasos de barro (cf. 2Cor 4, 7), porém seguros de que em sua fraqueza se manifesta o poder do Senhor (cf. 2Cor 12, 9), seguem, dia a dia, suportando o peso e o calor da jornada, com a mão no arado sem olhar para trás, apesar de que o solo a ser lavrado se apresente duro e com muitas pedras e males que põem em risco o fruto da semente plantada. Penso, enfim, nos muitos que acolhem com gozo o dom dos irmãos (cf. Test 14), e, ao mesmo tempo, se dedicam com persistência à construção da fraternidade, sem esperar nada em troca senão o bem do irmão. Obrigado, irmãos, por serem missionários da alegria!

Ao lado destes, há outros irmãos nos quais se manifesta o perigo da rotina, da desmotivação, da tristeza, da mediocridade e da falta de paixão na entrega, o que transparece no rosto deles. Sofrem e sem querer fazem sofrer, pois não se pode vê-los felizes. Em tais situações, se alguém não quer enveredar por um caminho sem saída, precisa voltar ao primeiro amor, à redescoberta do Deus-conosco. É necessário voltar à oração, fonte da qual jorra a alegria de encontrar-se com o Senhor, se acende o fogo contra o frio da indiferença, da desmotivação e da tristeza. Quando oramos, nosso coração se livra de tantas escórias e nos livra dos caprichos do humor passageiro. Além disso, quando entramos em nosso quarto e no segredo oramos ao Pai (cf. Mt 6, 6), sentimos outra grande alegria: a de interceder pelos outros. Como o foi para Francisco, também para nós, a experiência de Deus há de ser a primeira fonte da alegria. Por outro lado, é mister

descobrir a beleza da fraternidade aberta à Igreja, ao mundo e à criação inteira. O *inverno* pelo qual estamos a passar na vida religiosa e franciscana, e na própria vida da Igreja, não pode ser visto como um caminho de morte, mas como um *tempo de poda*, o tempo propício para fortificar as raízes, para voltar ao essencial, para deixar-nos encontrar de novo por Deus. Tudo o mais Ele o fará e nossa vida voltará a ser um *hino de alegria*.

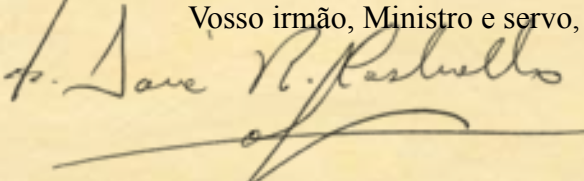
“Despe a veste da tua tristeza!” (Br 5,1)

Irmão, tu que vives na tristeza, livra-te dela, porque “já reina o teu Deus” (Is 52,7), porque o recém-nascido é o Emanuel, o Deus-conosco (Mt 1,23). Vós que estais atravessando uma noite escura e pensais ter chegado ao *ocaso*, “não vos entristeçais nem choreis (...), porque a alegria do Senhor é vossa força” (cf. Ne 8, 9-10). Natal nos questiona profundamente se estamos vivendo ou não a alegria do Deus-conosco. A humanidade tem necessidade de uma vida cristã e franciscana que seja transparência de Cristo e que se manifeste na doação total, gozosa e apaixonada. Esta será uma grande proposta vocacional. Somos missionários mais pelo que somos do que pelo que fazemos ou dizemos. Ser alegres, mudar nossas atitudes deprimentes, negativas e derrotistas em atitudes positivas, de entusiasmo e de esperança, é a condição *sine qua non* para uma pastoral vocacional eficaz e para um anúncio credível do Evangelho. Francisco nos mostra o caminho para semear a alegria: deixar que Cristo entre em nossos corações, em nossa vida, e caminhar junto com os outros: primeiro com os irmãos que o Senhor me deu de presente, com aqueles com quem compartilho a vida e a missão, e depois com todos os homens e as mulheres amados de Deus, particularmente com os últimos e os excluídos.

Com um abraço de Paz e Bem, desejo a todos: um alegre e feliz Natal!

Roma, 8 de novembro,
festa do Beato João Duns Escoto, 2011



Vosso irmão, Ministro e servo,

Fr. José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro Geral, OFM